

A ÉTICA NA PSICANÁLISE

ETHICS ON PSYCHOANALYSIS

Miriam Izolina Padoin Dalla Rosa¹

Andrinea Cordova da Rosa²

ROSA, M. I. P. D; ROSA, A. C. A Ética na psicanálise. *Akrópolis*, Umuarama, v. 17, n. 1, p. 41-44, jan./mar. 2009.

RESUMO: Este artigo trata da Ética sob o olhar da Psicanálise, a partir das idéias de Freud e Lacan. A ética em Psicanálise está em não fazer promessas enganosas de sucesso absoluto sobre o mal-estar humano, pois um processo de análise é ético quando o analista não antecipa as respostas ao analisante, não atendendo à sua demanda, e este se torna capaz de reconhecer qual é seu desejo, qual a origem de seu sofrimento (sintoma), e como seu sofrimento está relacionado com suas escolhas na vida. Portanto, consideramos o inconsciente como guia das escolhas humanas, pois acreditamos que seja possível para o homem usar sua potência criadora, podendo ser “ético”, a partir de seu desejo.

PALAVRAS-CHAVE: Ética; Psicanálise; Desejo inconsciente.

ABSTRACT: This article addresses ethics on psychoanalysis under the gaze of Freud and Lacan's ideas. Ethics in psychoanalysis remains on not making misleading promises of absolute success over discontent, as a analysis process is ethical whenever the analyst does not prejudice the patient's answers, not attending to his demand, and becomes capable of recognizing which his desire is, what the origin of his pain (symptom) is, and how his suffering relates to his own choices in life. Therefore, we consider the unconscious as a guide for human choices; we believe it is possible for man to use his creative power, possibly being “ethical”, from his own desire.

KEYWORDS: Ethics; Psychoanalysis; Unconscious desire.

¹ Graduada em Psicologia pela UNIJUÍ/RS; Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela UNIGRAN/MS, Mestre em Educação pela UAA/PY e Pós-graduanda em Psicanálise Clínica e Cultura pela UNIPAR/PR, Docente na Unipar, Campus Toledo e Cascavel dallarosa@unipar.br

² Bacharel e Licenciada no Curso de História pela Unioeste- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Graduada em Psicologia/UNIPAR- Universidade Paranaense. Aluna monitora da Pós em Psicanálise Clínica e Cultura andynhapsico@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende discutir a Ética em Psicanálise, conceito este que necessita de uma análise singular que ultrapasse o conceito que comumente lhe atribuímos. Segundo Cotrim (2002, p. 263), a palavra “ética (do grego *ethikos*, significa costume, comportamento)” pode ser compreendida como a disciplina filosófica que reflete sobre os sistemas morais elaborados pelos homens e compreende a função das normas e interdições de cada sistema. Nesse sentido, para a Filosofia, o homem possui valores próprios que regulam a vida em sociedade, e, como já disse Aristóteles, o homem se difere dos animais pela sua característica humana, a de possuir o sentimento do bem e do mal, do justo e do injusto.

Assim, por herança da Filosofia, se tornou comum que, ao nos depararmos com o tema ‘Ética’, de imediato o associamos à questão do bem, associamos a um conjunto de práticas que rege a ação humana, às normas e regras próprias do social que conduzem para um bem-viver (um bem-estar). Entretanto, podemos nos perguntar: o homem da atualidade é justo? Sabe discernir entre o bem e o mal?

Para responder estas perguntas, é necessário considerar que há algo mais do que a ética proposta pela filosofia, pois basta olhar com atenção para as atitudes do homem para perceber suas ações destrutivas. Ou seja, o homem tem dificuldades para ser justo. O homem polui, destrói sua casa (a natureza), fere e mata seu semelhante e a si mesmo, adoecendo, produzindo sintomas que marcam seu corpo, fazendo escolhas que lhe causam sofrimento. Para Freud (1995, p.137), o maior estorvo à civilização “é a inclinação, constitutiva³, dos seres humanos, para a agressividade mútua”.

O que é o bem para o homem?

Para responder esta questão utilizamos, como referencial teórico, a Psicanálise sob a ótica de Sigmund Freud, o criador do método da associação livre, usado para tornar conscientes os conteúdos inconscientes, e de Jacques Lacan, que atualizou os conceitos freudianos e avançou teoricamente com conceitos novos. Portanto, quando falamos de Ética em Psicanálise, estamos falando de algo que ultrapassa essa barreira do bem e do mal, estamos falando de uma ação do sujeito que considera o seu próprio desejo. Falamos da ética que está na prática, que está no modo de pensar daquele que pratica a

Psicanálise.

O que define a Ética na Psicanálise é o fato de que, nesse caso, se considera o inconsciente e toda sua verdade. Verdade inaceitável para aqueles que consideram apenas o campo da consciência. A verdade do sujeito é a de que há um mal estar inerente à condição humana. Isso não deve nos aborrecer ou enfurecer. Essa idéia freudiana deve ser entendida como um auxílio à compreensão do psiquismo humano. O homem falha, no trabalho ou no amor, não é rico o bastante, não é belo o bastante, e se fosse tudo isso, ainda assim poderia dizer que não é feliz o bastante! Assim, a partir disso, é possível inferir: as falhas fazem parte da constituição psíquica do homem, fazem parte do cotidiano do homem.

Dizemos que o homem falha, em suas escolhas, em suas atitudes, causando o mal, sendo injusto, apoiando o conceito nomeado por Lacan como ‘falta a ser’, a qual, por ser necessária e constituinte do humano, não pode ser eliminada, pois, embora fantasiosamente o homem eleja objetos com o intuito de burlá-la, sempre faltará algo ao homem. Isso não remete a uma perspectiva infeliz, mas, nos conduz em direção a uma reflexão crítica sobre a “ética” na vida humana.

Sobre a Ética na Psicanálise, Lacan (1997, pp.373-374), nos ensina que ela “consiste essencialmente num juízo sobre nossa ação” e mais, “se há uma ética da psicanálise é na medida em que, de alguma maneira, por menos que seja, a análise fornece algo que se coloca como medida de nossa ação – ou simplesmente pretende isso”. Ele diz que para medir a eficácia terapêutica é preciso observar o efeito da análise sobre o gozo obtido pelo sintoma e a construção de um saber pelo próprio sujeito a partir da análise.

A Ética na Psicanálise é mediada, de ponta a ponta, por um saber insabido, por um saber que é da ordem inconsciente e que precisa ter vazão na análise, através da escuta do sujeito. Este saber entra em cena quando menos se espera e bifurca um discurso coerente e lógico. Como exemplos, temos os lapsos de memória, os atos falhos e as apraxias. O sujeito em Psicanálise é o suposto do que se articula como fala, e o que depois é mobilizado através desta. É, também, um sujeito que fala, na medida em que alguém ouve/escuta. Assim, o ser instituído como sujeito, cada vez que o outro (o ouvinte) o busca na palavra, e não no comportamento, pois isso é capaz de revelar o seu desejo, que aparece em análise, mediado pelo desejo do analista.

³ Esta agressividade está relacionada à pulsão de morte, conceito freudiano/lacanian, que significa força necessária ao funcionamento da subjetividade humana, mas que leva o sujeito à sua própria destruição.

Nesse sentido, Kehl (2002) afirma que a Psicanálise não é apenas uma proposta ética, mas um saber de dimensões humanistas que pode contribuir para a construção de uma ética mais adequada às condições das sociedades contemporâneas, já que considera o sujeito moderno em suas dimensões inseparáveis de conflito e liberdade, de solidão e sociabilidade. Essas dimensões fundamentais do humano estão na base da clínica psicanalítica e orientam o percurso que analista e analisando fazem juntos em direção à cura do sofrimento psíquico, pois o percurso analítico não depende apenas de uma técnica. Mas também de uma ética.

O fazer em Psicanálise tem uma ética própria, que no início deve ser sustentada pelo analista e que ao final de uma análise deve alcançar também o analisando. A responsabilidade pelo desejo inconsciente que age em cada um de nós, o respeito pelas diferenças do outro e a capacidade de enfrentar as dificuldades da vida, com certo grau de senso de humor, são alguns exemplos de atitudes éticas que a Psicanálise pode ajudar a conquistar.

Freud (1995, p.108) afirma que “o comportamento dos seres humanos apresenta diferenças que a Ética, desprezando o fato de que tais diferenças são determinadas, as classifica como ‘boas’ ou ‘más’. Enquanto essas inegáveis diferenças não forem removidas, a obediência às elevadas exigências éticas acarreta prejuízos aos objetivos da civilização, por incentivar o ser mau”. Nesse sentido, Lacan (1996, p.99) confirma as palavras de Freud e nos alerta sobre um dos erros que um analista não pode cometer, “esse erro, o querer excessivamente o bem do paciente, do qual o próprio Freud denunciou constantemente o perigo”.

Dizer que a Ética está para além do bem, na Psicanálise, significa dizer que, quando alguém busca a análise, a pessoa do analista ocupa um lugar privilegiado, o de ser capaz de suprir a falta, de aliviar a angústia do ser, e que o analista em questão deve saber que há um engodo nesta situação. Ou seja, apesar de imaginariamente ocupar este lugar de ser capaz de fazer o bem, o analista precisa, de acordo com Lacan (1997), colocar-se em segundo plano, pois o que está em questão é a emergência do sujeito. Assim, Lacan afirma: “certamente não fazemos parte daqueles que tentam amortecê-lo, embotá-lo, é porque estamos insistentemente referenciados, referidos por nossa experiência cotidiana” (1997, p.11). “Entendemos que não poderia ser de forma diferente a práxis em Psicanálise, pois ela nos ensina que sua Ética esta calcada na ‘ética do bem dizer’, do bem-falar. Então, o bem é realizado por outra via que difere da questão moral”.

Ética do bem dizer é uma expressão lacaniana. Ela significa que o paciente precisa dizer a verdade sobre o que causa seus sintomas. Essa verdade sobre o sintoma está no inconsciente, e aparece de forma enigmática, pois o paciente não sabe por que está sofrendo, ele desconhece a causa inconsciente de seu sintoma. Na prática clínica, a Ética do bem dizer aparece a partir das construções que o paciente faz a partir da livre associação, do seu conteúdo inconsciente, sobre si mesmo. Nas palavras de Lacan (1997, p.35), “para a Psicanálise, não há outro bem senão o que pode servir para pagar o preço do acesso ao desejo”.

Para Lacan (1997), o desejo do analista é o que, em última instância, opera na prática da Psicanálise. Por isso, é ético em Psicanálise que cada analista investigue, em sua análise, o seu desejo de ser analista. Se o analista não dá vazão ao seu desejo, ou seja, coloca em questão o que é melhor para ele, ou ainda, o que ele considera “correto”, ou “ideal” para seu paciente, então isso impossibilitará que o desejo do paciente se manifeste. A regra da abstinência é o correlato direto da livre associação. É esta a máxima lacaniana acerca da ética da psicanálise para o analista: ‘Não ceder quanto ao seu desejo’. A Ética na Psicanálise propõe ao analista acolher, mas nunca responder, à demanda que lhe é dirigida pelo analisando. Pois, a demanda é sempre de amor, o paciente pede por respostas que lhe encurtem o caminho. Portanto, a psicanálise implica renúncia à sugestão, em favor de uma intervenção ativa, com o objetivo de fazer o paciente encontrar o que é próprio de seu desejo. É conduzir o paciente ao saber inconsciente.

Segundo Quinet (2003, p.99), “o princípio fundamental da abstinência – princípio ético e técnico – é o de que só há análise na medida em que a demanda e o desejo do analisante se mantêm insatisfeitos”. Isso é fundamental, pois o analista não deve responder prontamente à demanda do paciente. O paciente é quem deve, após iniciar as sessões de análise tornar-se capaz de assumir o que ele deseja. Portanto, responder ao que o analisante pede significaria calar o desejo, e, na análise, o que se busca é fazer o homem tornar-se íntimo de seu querer, de seu desejo. Ao não responder à demanda, o analista convida o analisando a deslizar em sua cadeia de significantes, a falar sobre suas fantasias e, com isso, o desejo aparece como resultado do trabalho de análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a Ética em Psicanálise está em não

fazer promessas enganosas de sucesso absoluto sobre o mal-estar humano. Entretanto, há ética na proposta de aliviar o sofrimento através de um tratamento que visa à mudança de posição subjetiva, pelo trabalho de modificação dos registros de satisfação pulsionais. Ou seja, ao considerarmos o inconsciente como guia das escolhas humanas, acreditamos que seja possível para o homem usar sua potência criadora, podendo ser “ético”, a partir de seu desejo. Desejo esse que está situado no campo do inconsciente e só pode ser reconhecido através do discurso falado.

Para Quinet (2003, p.110), “é o desejo do analista que se encontra na base da Ética da Psicanálise, pois o desejo é correlato à ação do analista em sua clínica”. Assim, é o desejo do analista que possibilita que o mesmo tenha uma postura ética e a disponibilidade para ouvir para além do dito, de tentar escutar o que aquele sujeito que está perante ele busca, com os mecanismos que possui, simbolizar.

Assim, a questão da ética pode ser entendida como uma questão inerente ao fazer analítico, e a falta de ética ocorre quando o analista se desvia de seu campo, quando o analista dá respostas antecipadas ao analisante. Freud, em seus escritos sobre a técnica psicanalítica, principalmente, fala sobre o que poderia desviar o analista de sua função. O que pode ocorrer é que, por conta de ruídos na escuta, devido a conteúdos próprios, o analista passe a agir como educador, sob a ótica da moral, com planos e anseios para a vida do analisando, deixando de ouvir o sujeito que ali está.

Dessa forma, Ângulo (1990, p.130) nos lembra que “o que funda uma análise é então o desejo do analista. E a funda cada vez, em cada novo início de análise”, pois o trabalho analítico que seja ético pretende que o analisante assuma uma postura ética na vida. Concluindo, “podemos dizer que a responsabilidade do analista na cura existe, mas ela não é moral, mas ética” (ANGULO 1990, p. 98).

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Zahar (Campo Freudiano no Brasil), 1998.

ANGULO, N. S. **Que quer o analista?** O analista em questão. Curitiba: Associação da Coisa Freudiana-Transmissão em Psicanálise, 1990. (Letras da coisa 10).

COTRIM, G. **Fundamentos da filosofia.** São Paulo: Saraiva, 2002.

FREUD, S. **El malestar en la cultura (1929).** Buenos Aires: Amorrortu, 1995. (Obras Completas de Freud).

GOLDENBERG, R. (Org.). **Goza!** capitalismo, globalização e psicanálise. Rio de Janeiro: Ágalma, 1997.

KEHL, M. R. **Sobre ética e psicanálise.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LACAN, J. **O seminário, livro 7: a ética em psicanálise.** Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

_____. **Escritos.** São Paulo: Perspectiva, 1996.
NÓBREGA, M. J. S. **O que é ser psicanalista?** Instituto Sedes Sapientiae, 2000.

QUINET, A. **A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

LA ÉTICA EN PSICOANÁLISIS

RESUMEN: Este artículo trata la ética bajo la mirada del psicoanálisis a partir de las ideas de Freud y Lacan. La ética en psicoanálisis está en no hacer promesas engañosas de éxito absoluto sobre el malestar humano, pues un proceso de análisis es ético cuando el analista no anticipa las respuestas al paciente, no atendiendo a su demanda, y éste se vuelve capaz de reconocer cuál es su deseo, cuál el origen de su sufrimiento (síntoma), y cómo su sufrimiento está relacionado con sus elecciones en la vida. Por lo tanto, consideramos el inconsciente como guía de las elecciones humanas, pues creemos que sea posible para el hombre usar su poder creativo, pudiendo ser “ético”, desde su deseo.

PALABRAS CLAVE: Ética; Psicoanálisis; Deseo inconsciente.